

Coluna do Castello

Os candidatos não dominam suas bases

A sucessão presidencial está como a seleção brasileira. Dá sempre a impressão de que está faltando alguém. O jogo também está mudando e a escola que vai prevalecendo substitui os pontas ou extremas pelo pessoal do miolo, numa concentração de forças e de astros pelo centro. O fato é que tudo está embolado e já não se distingue quem é quem ou quem é capaz de levar o time à vitória. A correria pela esquerda, com o contrapeso de algumas investidas pela direita, dá lugar a um meio-campo no qual se uniformizam as táticas e os talentos.



Veja-se o caso do senador Mário Covas, um sólido meia-esquerda que, de repente, investiu pelo meio, empolgando as sociais, mas que começa a ser contido pelas gerais. Depois do seu discurso no Senado, o candidato do PSDB autorizou, por intermédio do deputado Euclides Scalco, seu correligionário Egidio Ferreira Lima a convidar o ex-governador de Pernambuco Roberto Magalhães a ser seu companheiro de chapa, como candidato a vice-presidente. Depois de longa conversa, que substituiu uma consulta telefônica feita pelo senador José Richa, Magalhães concordou: seria o vice, desde que o partido o acolhesse sem impor vetos a ele ou a qualquer de seus amigos. A condição foi coberta, mas a deputada Cristina Tavares, que preside o PSDB pernambucano, bloqueou o entendimento. Ela já saíra do PMDB para não sofrer constrangimento das parcerias à direita. Não concordaria, agora, em que tal coisa acontecesse no partido que ajudou a fundar.

Ficou o dito pelo não dito. A reunião, que fôra prevista para hoje, em Brasília, está cancelada. Roberto Magalhães seguiu para Caruaru e de lá se internaria mais pelo Estado, a fim de evitar apelos e de se poupar a novos constrangimentos. Depois do que houve e de não ter conseguido influir nos rumos do PTB, o ex-governador prefere omitir-se nesta sucessão presidencial da República e aguardar as eleições gerais do próximo ano. Mário Covas, à semelhança de Ulysses Guimarães, sofreu um revés, imposto pelos radicais de esquerda. Os pais fundadores, no caso a mãe fundadora, não concordam nesse jogo pelo centro e chamam o candidato de volta à meia-esquerda.

Os candidatos que foram dominados, na origem das suas candidaturas, pelas propostas esquerdistas que, a partir de 1988, sinalizaram a preferência do eleitorado, terão dificuldades para se reunirem, na estrada de Damasco, ao senador Roberto Campos, o qual, aliás, não parece ver com bons olhos a avalanche de convertidos no seu caminho. O fenômeno Collor de Mello dessinalizou a onda esquerdista e demonstrou que a preferência por Brizola ou por Lula, que parecia decorrer dos votos por Erundina, Dutra, Alencar e Lerner, era circunstancial e refletia apenas o descontentamento generalizado com o governo e com os políticos. O eleitorado não tem cor ideológica, mas uma irritação quase neurastênica com o governo e seus associados.

Ulysses Guimarães continua paralisado no PMDB pelos conflitos internos. Ontem, noticiava-se, de um lado, que prevalecia no partido uma espécie de "libertemos Ulysses", deixando-o livre das pressões do Novo PMDB, ao qual se atribuía o propósito de policiar seu discurso e controlar sua propaganda, um e outro submetidos ao exclusivismo das preferências pessoais do candidato. Mas havia também notícia de que ele decidira descentralizar sua campanha, instituindo comandos regionais, como o de São Paulo, que ficaria sob o controle do governador Orestes Quércia. Tudo isso parece mais ou menos fantasioso. É claro que, em São Paulo, ninguém disputará ao governador a coordenação e a orientação do movimento peemedebista, como ninguém obrigará Ulysses a fazer o discurso do deputado Francisco Pinto.

Mas ficam os ressentimentos e o aviso de que os candidatos não dominam as forças que se reúnem em torno do seu nome. Possivelmente, Ulysses não teve o vice dos seus sonhos, como também Mário Covas não está podendo ter o que, no momento, achou o melhor. O *tucano* terá de *tucanar* e não pode dar uma de arara. Seu vice terá de ser alguém do PSDB, queira ou não queira, como é o caso de José Richa. Moema São Thiago também não está excluída, pois sua presença junto a Tasso Jereissati pode estar na raiz da adesão, ainda carente de confirmação, do governador do Ceará ao candidato do seu partido.

O mal-estar é geral, pois, como se vê, Lula, líder do partido tido como o mais autêntico, não consegue fazer o seu vice e embaralha-se numa coligação de pequenos ajuntamentos esquerdistas. Ele queria Gabeira, mas não pôde. Agora quer Bisol, mas Gabeira pode não deixar.

Enfim, o time ainda não está completo. Está faltando alguém, como aliás insinua o ministro Oscar Corrêa.

Carlos Castello Branco